

Corpo, afeto e memória: o *Parque das irmãs magníficas* de Camila Sosa Villada

Sandro Aragão Rocha¹

O romance *Parque das irmãs magníficas* (2021), de Camila Sosa Villada, conta a história de uma protagonista que leva o mesmo nome da autora. Camila, uma travesti do interior de Córdoba (Argentina), vive uma vida dupla: de manhã estuda Comunicação e Teatro, se camuflando para sobreviver, e a noite trabalha no Parque Sarmiento com prostituição, dando espaço para ser quem realmente deseja.

O livro se inicia com um prefácio, escrito por Juan Forn, autor argentino, contando sobre como, desde pequena, Camila não se dobrava ao que socialmente esperavam dela: performance de uma masculinidade centrada no pênis. Os elementos que compõem o texto nos fazem achar que a narrativa irá permear o puro relato, principalmente depois de saber que *Parque das irmãs magníficas* é como um reencontro de Camila Villada com o grupo de travestis que a abraçaram quando o mundo parecia não aceitar sua condição, tendo em vista que, desde que deixou de frequentar o Parque Sarmiento por conta das ações do governo da época, não voltou mais a vê-las. O interessante é que, em seu texto, a sensação de que o livro se trata de uma experiência empírica se desestabiliza conforme a narrativa avança, já que alguns dos acontecimentos recaem em um realismo mágico, como quando é narrado sobre o namorado de Tia Encarna, conhecido por ser “sem cabeça”, ou quando Maria, a muda, descobriu ter penas crescendo em seu corpo, até que se metamorfoseou em pássaro, transformando-se, assim, em Maria, a pássara.

Essa vertigem, que os textos mais contemporâneos parecem criar quanto ao narrador e ao escritor, não faz parte de meu interesse me deter profundamente, mas citá-la se torna importante por trazer à discussão outras questões que quero abordar. A principal delas se refere as vivências, que entrecortam lembranças da infância e momentos em que a protagonista já é maior de idade, narradas ora de forma crua, direta, ora com grande grau poético e fantasioso. Essa mistura, inclusive, dá forma ao texto e aos personagens que fazem parte da trama: desde pequenas, para as travestis, tudo no mundo pode ser dor e violência, mas tudo, nesse mesmo mundo, pode ser também o oposto, alegria e prazer. Dessa maneira, isso, que chamo de vertigem, nos permite mergulhar mais fundo naquilo que é sentido nesse retalho de narrativas que formam o todo-memória de Camila, e nos faz sentir mais

¹ Formado em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Mestre em Estudos de Literatura, subárea Literatura Brasileira/Teoria da Literatura, pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e, atualmente, doutorando em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

vividamente o que essas personagens reais-ficcionais vivenciam. Com esses retalhos, buscarei, então, construir meu texto em diálogo com memórias que emergiram a partir das reflexões que fiz da obra em questão. Começemos.

Ao iniciar a leitura do romance, o primeiro elemento que me chamou atenção foi a relação das personagens com o corpo, o outro se refere ao afeto, e como ele se dá entre essas personagens que têm, desde os primeiros anos de vida, o amor negado: o paterno, materno, familiar, romântico. Mas começemos pelo primeiro elemento citado, o corpo: a cena que abre o romance é o das meninas no Parque Sarmiento, funcionando como um grande organismo que faz parte daquele ecossistema, assim como os outros animais, árvores ou qualquer coisa que componha aquele ambiente. É nesse cenário que Tia Encarna, personagem que tem um papel central na vida de todas as travestis que compõem a história, encontra um bebê jogado no mato. Ela, junto com as outras, esconde a criança em uma bolsa e, moldando o corpo para passarem despercebida pelas pessoas e pela polícia — de cabeça baixa e andando em grupo para não serem paradas e nem notadas —, atravessam a cidade até a pensão em que moram. Tia Encarna decide ficar com o bebê, e em um furor interno de maternidade, põe um dos seios para fora e deixa que a criança se alimente.

Maria, uma surda-muda muito jovem e meio adoentada, passa ao meu lado como um súcubo e abre a porta de Encarna sem perguntar, mas com muitíssima delicadeza, e depara-se com aquele quadro. Tia Encarna amamentando, com seu peito recheado de óleo de avião, um recém-nascido. Tia Encarna está a cerca de dez centímetros do chão de tanta paz que sente em todo o corpo naquele momento, com aquele menino drenando a dor histórica que a habita. O segredo mais bem guardado das amas de leite, o prazer e a dor de ser drenada por uma criança. Uma dolorosa injeção de paz. Tia Encarna tem os olhos virados para trás, um êxtase absoluto. Sussurra, banhada em lágrimas que resvalam por suas tetas e caem sobre a roupa do menino (VILLADA, 2021, p. 25).

Embora de seu peito não saísse leite, havia em sua ação algo muito mais precioso, e que o mundo negava a pessoas como ela: o afeto. E esse sentimento, sendo “só um gesto, nada mais. O gesto de uma fêmea que obedece ao seu corpo” (Idem, p. 25), trazia para si algo que lhe tirava parte da dor que sentiu durante a vida inteira. A questão é que esse afeto, aos olhos dos tidos como normais, poderia posteriormente se tornar um problema, já que “a infância e as travestis são incompatíveis” (Idem, p. 23), seja para poderem crescer livres quando eram elas as crianças ou para cuidar de uma vida que ainda não teve tempo de ser contaminada pelo olhar corrompido dos “homens de bem”. Esse corpo, que põe em xeque a organização de sexo/gênero fundado por poderes que os utilizam como tecnologia/ferramenta de controle (FOUCAULT, 1987; PRECIADO, 2019), é visto como perigoso, principalmente para as crianças, que são tratadas como o futuro da pátria e precisam ser protegidas de qualquer existência que contradiga os preceitos sociais de exclusão e preconceito, para que, assim,

mantenham reproduzindo o *status quo*: que qualquer pessoa que saia da norma merece o exílio do convívio comum com os que têm direito de fazer parte da sociedade.

Se alguém quisesse fazer uma leitura de nossa pátria, dessa pátria pela qual juramos morrer em cada hino cantado nos pátios da escola, essa pátria que levou vidas de jovens em suas guerras, essa pátria que enterrou gente em campo de concentração, se alguém quisesse fazer um registro exato dessa merda, deveria, então, ver o corpo da Tia Encarna. Somos isso como país também, o dano sem trégua contra o corpo das travestis. A marca deixada em determinados corpos, de maneira injusta e evitável, essa marca de ódio (VILLADA, 2021, p. 26).

Esse corpo, mutilado interna e externamente, serve como metáfora de como aquilo que é tido como pátria faz o oposto do que diz querer: proteger. Só é visto como merecedor de cuidado, como cidadão, aqueles que não subvertem as peças do jogo, de modo que a norma permaneça a mesma e mantenha à margem todos aqueles que ousam existir fora de suas regras. Esse corpo, que já nasce questionando, começa a sentir os primeiros sinais de violência na infância:

Na minha casa e com um pai como o meu, era proibido chorar. Podia-se ficar em silêncio, descontar a raiva enquanto se rachava lenha, sair na porrada com outros meninos do bairro, dar murros nas paredes, mas chorar nunca. E, menos ainda, chorar de medo. De maneira que aprendi a chorar em silêncio, no banheiro, no meu quarto. Meu uso particular daquilo que só era permitido às mulheres (VILLADA, 2021, p. 56).

Como se pode ver, Camila, por ser tratada como um menino, era obrigada a se comportar de determinada maneira. Por não exercer a performance (BUTLER, 2016) esperada de seu corpo, era necessário que se endurecesse e buscasse, mesmo que de forma falha, moldar-se ao que esperavam dela, de modo que a violência sofrida ocorria de forma dupla: por parte da família, dos colegas de escola, das pessoas na rua, ou seja, por agentes externos, mas também através de si mesma, já que Camila buscava adequar seus trejeitos, sua sensibilidade, seus sentidos aos moldes do sistema no intuito de sofrer menos.

Essa foi uma das muitas passagens no romance que me fizeram revisitar minha própria história, memórias que, de alguma maneira, estavam adormecidas. Apesar da minha vivência não entrar no lugar da transexualidade, existe parte da experiência LGBTQIA+ que me parece ter uma dimensão coletiva. Lembro-me que, ainda quando criança, com cerca de uns doze anos, peguei um vestido da minha irmã para brincar de “casinha²” com um colega da rua em uns escombros de uma casa que posteriormente se tornaria a minha. Eu, com o vestido, desempenhava na brincadeira o papel da “mulher”, e ele, sem modificar sua vestimenta, o do “homem”. Passamos um tempo brincando até que um dos meus primos mais velhos apareceu.

² Brincadeira em que crianças simulam a feitura de tarefas domésticas. É importante destacar que algo primordial nessa brincadeira tem a ver com os papéis designados aos gêneros, já que existe o que reproduzem o que tido como papel da mulher, do homem e dos filhos.

Tentamos nos esconder, mas fomos encontrados. Meu primo, raivoso, tirou-me o vestido e levou-me até minha mãe, denunciando meu comportamento com o mesmo peso de quem havia cometido um crime. Minha mãe, também tomada pela raiva, pegou uma faca, me mostrou e perguntou aos gritos se eu queria ter meu pênis cortado. Eu, muito amedrontado, disse que não, e a partir daí não há mais lembranças.

Dessa forma, a partir da narrativa e da lembrança pessoal que divido nesse ensaio, penso em como o trabalho de Camila Sosa Villada revela um lugar coletivo nessa experiência de violência com os nossos corpos, nos fazendo endurecer e negarmos a si mesmos através do medo. A protagonista era reprimida ao mostrar o desejo de ser como subjetivamente se via, e o escondia, assim como eu, através da aparência de um “menino” tímido, educado e silencioso: “no princípio, eu me travestia na casa de alguma amiga que, escondida dos pais, permitia-me a magia de converter-me em mim mesma. Transformar numa flor carnuda aquele rapazinho tímido que se escondia sob os modos de um estudioso” (VILLADA, 2021, p. 62).

O pai de Camila, assim como o meu, era alcoólatra, e, junto com o vício, vinha a violência paterna direcionada a mãe, a filha, cenas que transformam o amor em medo. Ou transformam a ideia de que ter amor pode ser também ter medo. A figura daquilo que é tido como homem se deturpa e se torna tudo o que a personagem, e eu também, não gostaria de ser. Essa violência, que se inicia em casa para depois começar a ser reproduzida nos outros espaços de convívio social, além de aprisionar aqueles que se sentem diferentes, também leva os sentimentos para outros espaços: a falta de afeto. O amor, impossível de ocorrer em sua completude por parte daqueles que deveriam amar incondicionalmente, gera internamente a crença de que, diante do que se é, não há possibilidade de amor. Para o pai da protagonista, pessoas como ela seguem o fluxo que desagua em um mesmo destino:

Tu sabe o que um homem tem de fazer para ser um homem de bem? Tem de rezar toda a noite, formar uma família, ter um trabalho. Duvido que tu arranje trabalho de minissaia, com a cara pintada e o cabelinho comprido. Tira essa sainha. Tira essa pintura da cara. Tinha que tirar isso na base da surra. Tu sabe do que tu pode trabalhar desse jeito? De chupar pica, meu amigo. Sabe como eu e tua mãe vamo te encontrar um dia? Jogado numa sarjeta, com aids, com sífilis, com gonorreia, vai saber as nojeira que eu e tua mãe vamo encontrar contigo um dia. Pensa bem, usa a cabeça: tu sendo desse jeito aí, ninguém vai te querer (Idem, p. 60).

Esse fragmento, que traz uma das cenas mais doloridas do romance, expõe as fraturas de uma pátria que ensina aos seus habitantes que só alguns são merecedores de amor e respeito. Esse fragmento, que traz uma das cenas mais doloridas do romance, me retoma a quando eu, antes de chegar à adolescência, ainda com os meus monstros referente a homossexualidade, tinha como referência mais próxima do que era ser gay uma travesti que cresceu junto comigo e com as crianças de minha rua. A chamávamos de Dudu, mas, posteriormente, se deu o nome

de Maya. Lembro-me de a olhar e ter medo, porque em um mundo onde o silêncio reinava sobre esse assunto, e em um lugar como o que eu morava em que as vezes limpavam o bairro da homossexualidade, eu acreditava que ser gay era ser como Maya: a chacota, a que os outros têm pena, a que não é compreendida, a que não merece amor. A questão é que, naquele período, eu não conseguia ver que ela só era tratada assim, não por culpa de ser quem era, mas por conta da insensibilidade dos outros. Maya, na verdade, era mais forte que eu, pois, ao invés de se esconder do mundo, decidiu enfrentá-lo e viver sua liberdade à força.

Nesse sentido, voltando ao texto, o pai de Camila se mostra incapaz de amá-la por não seguir o mesmo caminho que ele: o do “homem de bem” que agride a filha, a esposa, que trai e que, mesmo assim, jura para si mesmo, e para os outros, que a perdição do mundo se mostra por existir pessoas como sua filha. Essa violência, que vem como uma sentença na vida daquela criança que ainda estava descobrindo sobre si mesma, desemboca, em partes, nos ensinamentos que Tia Encarna dá a suas meninas:

Tia encarna nos dizia que o menos importante do mundo era o pau dos homens. Que tínhamos o nosso próprio entre as pernas e podíamos nos agarrar a ele quando atravessássemos momentos de carne fraca. Que era preciso trabalhar para nós mesmas, não para pagar agradinho ao bofe. E que, quando nos deitássemos com um bofe escândalo (que era como a gente chamava com quem trepávamos por prazer, e não por dinheiro), o fizessemos pagar de alguma maneira pelo nosso corpo. (VILLADA, 2021, p. 32).

O corpo, nessa dimensão, parece ser o único estatuto que ocupa um lugar de valor. É a partir dele que as travestis no romance se entendem e mostram como são para si mesmas e para o mundo. Parte do seu investimento deveria ser para esculpi-lo, reformá-lo, acrescentando enxertos que lhes dessem mais beleza e valor. O interessante é que, dessa forma, se sentir valorizada deveria ser o mesmo que se sentir paga, deixando de lado os desejos subjetivos de um afeto mais romântico com os homens com os quais elas se relacionavam.

Dessa forma, criarei uma bifurcação para comentar dois elementos que me interessam:

a) O primeiro tem a ver com o fato de o capitalismo influenciar na construção das nossas relações e como essa questão aparece exposta na narrativa. Byung-Chul Han (2017) e Zygmunt Bauman (2004) abordam sobre a fragilidade das relações afetivas a partir da sociedade moderna, principalmente no mundo contemporâneo, e refletem sobre como essas transformações são influenciadas pelo pensamento capitalista, já que o *outro* é visto, cada vez mais, como um produto que serve apenas para a satisfação de um prazer individual. Pode-se dizer que esse comportamento causa uma erosão do *outro*, de modo que dificulta o aprofundamento das relações e uma maior imersão, de ambas as partes, no *outro* e,

consequentemente, em si mesmo. Nesse caso, para as travestis que compõem a história, esse corpo, já desde jovem, é colocado em um lugar de margem, do *outro*, como se seu uso estivesse destinado a servir como ferramenta de prazer para aqueles que têm o direito de andar tranquilamente sob a luz do dia. Vejamos o seguinte fragmento:

Não é possível ser essa prostituta sem antes sofrer anestesia total. [...] Nossa idade não importa. Não importa se Maria é surda-muda, se Tia Encarna tem cento e setenta e oito anos. Não importa se somos menores de idade, se somos analfabetas, se temos família ou não. A única coisa que importa é a vitrine. O mundo é uma vitrine. Prostituímo-nos para comprar todas suas ofertas em prestações (Idem, p. 70).

Nesse trecho há uma reafirmação de como o corpo das travestis são vistos como sem valor socialmente, seja do ponto de vista do Estado (MBEMB, 2018)³ ou do ponto de vista dos cidadãos. Essa falta de valorização, além das violências constantes, faz com que elas precisem se anestesiarem dos seus próprios sentimentos para que permaneçam sobrevivendo. O interessante é que, ao mesmo tempo que nesse fragmento ratifica a ideia de um corpo sem valor, a narradora diz que o que importa é a vitrine, ou seja: mesmo que esse corpo esteja no lugar de margem, ele precisa ser valorado através dos adereços, enxertos e/ou modificações que o tornem mais atraente para aqueles que irão “comprá-lo”, mas também para elas próprias, já que é através do corpo que essas mulheres mostram para si mesmas, e para o mundo, quem são e quem querem ser. Nesse sentido, tudo que envolve o corpo dessas meninas parece ganhar um *status* de consumo, de modo que até aqueles que se envolvem romanticamente com elas precisam pagar por seu uso, tendo em vista que quase todas as relações que são narradas no romance mostram como os homens com os quais as personagens se envolveram a viam como um objeto de sua posse.

b) Essa relação de um afeto mercantilizado só ganha outros contornos, na maior parte das narrativas, quando construída entre as próprias travestis — com exceção de Laura, que era uma mulher cis —, o que nos leva para o segundo elemento que tenho interesse em discutir: na entrevista que a escritora Camilla Sosa Villada dá ao TEDx Córdoba, em 2014, ela conta que aceitou ir discursar no evento por conta das mulheres que lhe estenderam a mão no Parque Sarmiento quando as “pessoas comuns”, que faziam parte do seu cotidiano, a negaram. A escritora comenta que os cidadãos tinham medo do parque por lá ser uma *zona*

³ Achille Mbembe criou o termo necropolítica para discutir a ideia de como os Estados modernos adotam em suas estruturas o uso da força como política de segurança para suas populações. A questão é que por trás dessas ferramentas há uma gestão de que vidas devem permanecer vivas e que vidas podem/devem morrer, de modo que alguns corpos ganham um *status* de mais valor que outros. Por mais que na discussão do filósofo não tenha havido uma centralidade sobre a vida de pessoas trans, é possível criar um paralelo, tendo em vista que em diversos momentos da história, e ainda hoje, esses sujeitos tiveram suas vidas ceifadas como forma de “higienizar” a cidade.

roja, um local considerado perigoso. Por ser uma travesti, e querer encontrar uma forma de ganhar dinheiro, Camila decidiu ir ao local sozinha, mesmo com medo:

Laura, a grávida com capim no cabelo, se aproxima e me pergunta o que estou fazendo ali. Eu dissimulo, digo que estou esperando alguém. Ela não acredita. Pergunta o meu nome. Pergunta se tenho xoxota e comprime os olhos, apura a córnea para descobrir minha filiação. Quando confesso que sou travesti, ela me abraça, levando-me quase arrastada até o centro do grupo e me apresenta (VILLADA, 2021, p. 74).

A ação de Laura, ao perceber que Camila era uma jovem travesti em uma situação de provável vulnerabilidade, foi de buscar fazê-la se sentir pertencente e segura no grupo, onde havia outras iguais a ela. Nesse sentido, ao contrário do que as pessoas que não viviam nesse ambiente diziam, aquele foi o único lugar onde a protagonista encontrou carinho, cuidado e histórias que se cruzavam com a sua. Esse afeto, que aparece desde o início do livro, quando Tia Encarna encontra O Brilho dos Olhos, vai no sentido contrário da imagem que os “cidadãos de bem”, a pátria, e todos que coadunam com esse sistema fazem dessas mulheres e de todo o ambiente que as envolvem.

Dessa forma, voltando ao discurso de Tia Encarna, ao expor para suas filhas que não deviam depender de homem nenhum, e utilizá-los no intuito de ganhar algum tipo de benefício, nos direciona não só para a ideia de um afeto mercadológico, mas também para a ideia de que a relação, o amor de fato, deveria ser construído entre elas, já que, nesse mundo, eram as únicas que podiam compreender a dor uma das outras. Com isso, Tia Encarna, que era a matriarca, tem uma importância central para todas as personagens, e para a leitura da relação entre corpo, afeto e memória que estou empreendendo neste ensaio. Vejamos o fragmento a seguir:

Defendia-nos da polícia, dava-nos conselhos quando nos partiam o coração, queria nos emancipar do cafetão, queria que fôssemos livres. Que não engolíssemos o conto do amor romântico. Que nos ocupássemos de outros *business*, nós, as emancipadas do capitalismo, da família e da previdência social (Idem, p. 27).

Estas, que eram emancipadas de quase todo o sistema que rege a sociedade, sobreviviam, principalmente, por conta dessa rede de proteção e de afeto que criavam entre elas, porém, mais para o fim do livro, esse escudo criado por todas, principalmente por Tia Encarna, começou a se dissolver por conta das ações do governo da época. A fim de afastar o grupo que trabalhava se vendendo na área, iluminaram o Parque Sarmiento, o policiamento começou a ser mais presente e as ações de coerções ficaram mais frequentes. Isso fez com que houvesse uma desarticulação entre o coletivo de meninas, já que não conseguiam mais se encontrar com tanta frequência. Foi nesse mesmo período que na narrativa Tia Encarna e Brilho dos Olhos passaram a sofrer agressões externas, de modo que a principal forma que a

matriarca encontrou de se defender foi assumir uma aparência tida socialmente como mais próxima da masculina, deixando a barba crescer, enfaixando os seios e não permitindo que as outras travestis participassem mais profundamente da vida familiar dos dois. Tudo isso ocorreu porque, como Brilho já estava crescendo e passou a conviver no meio social do bairro através da escola, os cidadãos locais descobriram que havia uma travesti criando uma criança. A violência dos outros tinha como intuito proteger o menino, mas o efeito era exatamente o contrário, já que atingia Tia Encarna e, conseqüentemente, seu filho. Uma das passagens mais dolorosas referente a essa situação é quando Tia Encarna questiona o porquê de Brilho não dizer nada sobre as agressões que vinha sofrendo no ambiente escolar:

um dia chegou em casa com os dedos inchados e roxos, não tinha força para sustentar o peso da xícara nas mãos. Alguns colegas haviam apertado seus dedos na porta até deixá-los daquele jeito.

— Por quê? — perguntou Tia Encarna.

— Porque sou teu filho — O Brilho respondeu.

Tia Encarna perguntou se queria continuar frequentando a escola ou se preferia que uma professora fosse lhe dar aulas em casa. O Brilho não respondeu, então ela decidiu sozinha. Colou cartazes nos postes de luz do bairro: ‘procura-se professora particular que seja amorosa e compreensiva’. Contudo, as poucas que chegaram a tocar a campainha se espantavam ao ver a barba e as tetas enfaixada da Tia Encarna. (Idem, p. 201).

Essa passagem me retoma algumas memórias do meu período de escola, quando as outras crianças, e alguns adultos, começaram a ter ações violentas comigo por eu não ter o mesmo comportamento que os outros meninos. Lembro-me que, principalmente meu pai, culpava minha mãe por conta da minha forma de ser garoto, como se o seu cuidado, carinho e afeto em demasia pudesse ter sido responsável por minha masculinidade ser mais flexível que a dos rapazes da minha idade. Sendo assim, a figura da mãe, nessa situação, sente o peso da culpa duas vezes: primeiro por não conseguir proteger o filho das violências que ela mesma já sofria e segundo por acreditar que os maus-tratos dos outros com Brilho era culpa do modo como sua existência se apresentava ao mundo. As meninas, que antes viviam com Encarna, percebiam que algo de errado estava acontecendo, mas não tinham muito o que fazer porque, nas palavras da narradora, “depositamos toda a nossa atenção em continuar vivas e esperar que as coisas mudem” (Idem, p. 201).

Um tempo depois de todos esses episódios, Camila decide visitar Tia Encarna e Brilho dos Olhos. Ao chegar próximo da casa, a protagonista percebeu que havia uma confusão na redondeza: sirenes, uma multidão, cadelas protegendo a casa e latindo para as janelas dos vizinhos que bradavam “veados! Assassinos” (Idem, p. 203). Camila, depois de passar por todo o alvoroço, consegue entrar na casa de Encarna e pergunta o que estava acontecendo a um dos bombeiros que impedia a livre passagem de outras pessoas na casa: por conta da série

de violências, Tia Encarna acabou se suicidando junto com O Brilho dos Olhos, a questão é que a fala do bombeiro, assim como a dos moradores, colocavam Encarna como a única responsável por toda a situação, sem levar em consideração a série de humilhações que eles mesmos ocasionaram. O mais doloroso dessa cena é que a vida dessa mulher, que foi mãe de muitas, era vista como tão sem importância aos olhos daqueles que a apontaram o dedo que não havia espaço para compaixão com a sua morte, apenas pela criança que eles mesmos ajudaram a matar.

Camila busca por mais informações, detalhes, mas é impedida pelo bombeiro, até que A Machi Travesti, uma feiticeira entre elas, chega no local.

[...] Vejo umas unhas esculpidas de leopardo e depois um braço coberto de pulseiras de escamas de peixe. ‘O que é isso?’, mal consegue murmurar o bombeiro. É nossa feiticeira, A Machi Travesti, que paralisa policiais, bombeiros, enfermeiros e curiosos. A Machi avança entre eles com a mão para o alto sem que ninguém a detenha, abre a gaiola de Maria, que sai voando desajeitadamente [...]. Atrás da feiticeira, entram todas as travestis, em silêncio. A Machi faz com que as mais próximas entrem no quarto, e ficamos ali, contemplando a cena: o menino deitado de perfil junto de sua mãe. Morreram cara a cara, olhando-se nos olhos. Morreram sabiamente, para não ter mais de suportar humilhações. Nossa mãe e nosso filho adorado. O que dizer? (Idem, p. 204).

Com o aparecimento de A Machi Travesti, surge um ambiente de magia, que é composto por um corpo que desestabiliza o olhar e o sentido dos outros com sua presença, de modo que todos aqueles que a veem ficam imóveis. A Machi foi capaz de driblar aquilo que as impedia de velar o corpo de sua mãe e de seu irmão, trazendo consigo, e para as outras, a força que Camila sozinha não teve para ultrapassar as barreiras impostas por aqueles que não entendiam sua dor. Se antes estavam sozinhos, agora Encarna e Brilho tinham a proteção de suas filhas/irmãs, construída através de um espírito de comunidade. Os dois corpos, que em vida não foram respeitados, puderam ter uma passagem digna e acompanhada pelo amor daquelas que compartilhavam um desengaço parecido no mundo.

Após encontrarem o que queriam e velar o corpo dos dois, todas as meninas saíram com o mesmo silêncio que entraram na casa, e foram até o Parque Sarmiento, local em que estava guardado a memória afetiva de todas enquanto coletivo.

Ao chegar no parque, as garrafas despontam e cigarros são acesos, e começamos a contar umas às outras como conhecemos nossa mãe e as coisas que aquela deusa de pé de barro e mãos de boxeador fez por cada uma de nós. Uma das mais jovens coloca música no seu celular, e todas dançamos para acompanhar a ascensão da Tia Encarna e do Brilho dos Olhos ao céu das travestis, para que nos escutem caso se percam. As cadelas correm entre nossas pernas e ameaçam fazer com que a gente perca o equilíbrio. Anônimas, transparentes, madrinhas de um menino encontrado numa vala e criado por travestis, únicas conhecedoras do segredo do filho da Defunta Correa. Nós, as esquecidas, já não temos mais nome. É como se nunca houvéssemos pisado ali. (Idem, p. 205-206).

No final da narrativa, que se dá com a reunião das personagens no parque para celebrar as lembranças que tinham daquela mulher que cuidou de todas, nos é exposto que apesar de toda a violência que sofreram, isso que tinham em comum, que era a dor e a magia de transformar esse sentimento em força e sensibilidade, havia entre elas um laço que as unia, um afeto que ultrapassava qualquer diferença. Essa magia, criada pela forma como Camila Sosa Villada narra, fala sobre o poder que essas mulheres têm de transformar o medo em coragem, de se manterem vivas quando o mundo inteiro atenta contra suas vidas, de se manterem juntas e se protegerem mesmo quando tentam separá-las e excluí-las, inclusive, do local que conquistaram como seu território. O afeto, que lhes era negado, se ramifica como as raízes de uma árvore, criando um rizoma: por mais que não pareçam estarem sempre juntas, seus caminhos se cruzam. Todo esse sentimento, o cuidado que tinham umas com as outras, se dava, principalmente, por compartilharem a dor de uma existência que se vê como desviante, a ponto de, com magia, criarem um céu que não seja o mesmo que o daqueles que as jogam no inferno, um céu feito de um afeto que só as travestis conhecem. Para finalizar, repetindo uma sentença que eu já havia construído no início do ensaio, para as travestis, tudo no mundo pode ser dor e violência, mas tudo, nesse mesmo mundo, pode ser também o oposto, alegria e prazer.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

PRECIADO, Paul B. O que é contrassexualidade?. In: HOLLANDA, Helosa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

HAN, Byung-Chul. **A agonia do Eros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017

MBEMB, Achille. **Necropolítica**. São Paulo N-1 Edições, 2018.

VILLADA, Camila Sosa. **Parque das irmãs magníficas**. Trad. Joca Reiners Terron São Paulo: Planeta, 2021.

_____. **Profunda Humanidad**. Youtube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KQDRKphX23M&ab_channel=TEDxTalks>. Acesso em 5 de janeiro de 2023.